

Referências de 2080: Psicologia, Psiquiatria e Direito Penal

— (...) Vi que seria “normal” e até natural que um governo proibisse os policiais de terem tatuadas mensagens nazi, mas também os símbolos? E se um polícia nem sequer soubesse que tinha tatuado um símbolo que estava associado ou que um grupo qualquer o tinha associado ao nazismo? E vi o governo, numa estupidez que não tem outro nome, a proibir polícias de terem bigodes enrolados. Um dos meus amigos da Autoridade Marítima, tinha um bigode desses e eu tinha que ver um governo a trazer a tesoura e a cortar-lhe o bigode??????? Vi também um decreto que queria ser uma lei de um concurso público que dizia que quem queria concorrer para guarda florestal não podia ter cáries????????? Mas qual era ligação de uma coisa com outra? Se ainda fosse um piloto ou um mergulhador eu percebia e via a ligação, porque a pressão pode interferir num dente que esteja cariado. E tive que ver estas ligações sem sentido nenhum, e foi tudo ao mesmo tempo que tive de ver. Tudo ao mesmo tempo que tive que andar a ligar e a desligar. E no meio de tantas ligações, é claro que as pessoas se perdiam, porque vi pessoas a não saberem ligar as coisas. Vi pessoas a perderem a realidade sobre tudo e todos. E vi um governo que não sabia ligar coisas a querer instalar uma Internet de Coisas e Antenas de 5G????????? E um Direito, que com um Código Civil e com um Código Penal não era capaz de se chegar à frente com a merda dos drones? Eu tinha drones a voarem em cima de mim e o Direito não dizia nada? Pior! É que o Direito sabia! E via os drones, por cima de mim, a sobrevoarem-me, como se fossem abelhas... Abelhas-robot????????? Bebés-robots????? Mulheres-robots que dão à luz bebés-robots???? Às tantas sou um robot. Tenho algoritmos básicos. Sou um robot-escritor. Estou sempre a escrever o mesmo. Parece que estou sempre a escrever o mesmo. Mas se estou sempre a escrever o mesmo, é porque eu queria ver o Direito que eu vi quando entrei na Faculdade de Direito. Parece que chegámos ao topo da iluminação e depois caímos a pique. Uma luz cegou-nos. Só pode. Ficámos cegos. O Direito cegou e nós cegámos com ele. Eu era cego pelo Direito. O meu namorado era o Direito. Eu deitava-me na cama com ele com os códigos na mão. Mas o cabrão traiu-me. Foi para cama com outros. Quando eu cheguei ao Direito, aprendi que uma mulher se estivesse de bebé podia sim mentir para conseguir o emprego. Quando eu cheguei ao Direito aprendi que o Direito À Mentira era um verdadeiro direito fundamental! Quando eu cheguei ao Direito, nenhum empregador podia colocar câmaras a apontar diretamente os seus trabalhadores, nem os monitorizar através de aplicações. Como era óbvio que se numa entrevista me perguntassem se era verdade que eu tinha namorado, eu podia responder que a empresa não tinha nada que ver com isso, nem sequer me podia perguntar isso. Chumbei no último ano, porque tinha que abrir o manual de Direito de Trabalho, que não abri, de um regente que escrevia que a vida íntima do trabalhador, ainda que não tivesse qualquer impacto no desempenho profissional do mesmo, podia em qualquer momento ser conhecida e prejudicar a imagem da empresa, e que por isso, o patrão podia perguntar sobre o estado da gravidez da mulher candidata ou contratada ou perguntar ao trabalhador sobre os seus projetos de vida quanto a casar e ter responsabilidades familiares e a perguntar se o seu trabalhador era gay e se fosse gay se era passivo ou se era ativo ou se era versátil e gostava de levar e dar no cú.

— Tal e qual como os bancos perguntam...

— Pois, Thomas! Foi culpa destes senhores doutores que andaram a elaborar códigos civis, códigos do trabalho, constituições e orçamentos de Estado e num direito empresarial e bancário que inventaram como Cavaleiros Orçamentais assaltaram a lógica dos bancos. Bancaram os bancos com ideias estúpidas. Diziam que um gay não podia ser segurança noturno num lar de rapazes, sustentando esta sua afirmação com o maravilhoso “académico” argumento que “não valia a pena fazer apelos aos politicamente correto, nem crucificar os estudiosos que se limitam a relatar o dia-a-dia das sociedades” porquanto “o Direito viva de factos e não com ideologias”. Factos, uma oval! Era uma

merda de preconceito que estes professores de merda, porque não posso chamar-lhes senão outra coisa, traziam enraizado das escolas nazis onde tinham andado. Chamaram-me a mim, e a todos os homens que amam outro homem, pedófilo e eu não lhes posso chamar professores de merda que não deviam estar a dar aulas numa faculdade de Direito? Ia o quê? Ficar a ouvir isto? Com os meus 28 anos ia ficar ali sentado a ouvir um professor a dizer que um gay não podia ser segurança à noite num lar de rapazes? O que ele estava a pensar por trás daquilo que disse é que um gay seria necessariamente um pedófilo ou tornar-se-ia um pedófilo num lar de rapazes à noite. Então e um segurança heterossexual num lar de raparigas? E num infantário misto? Talvez seja melhor para um infantário ou creche ou escola primário onde há crianças do sexo masculino e do sexo feminino termos um segurança do terceiro género ou que seja comprovadamente assexuado, que tal? Que paciência, para o Direito! Que inferno, de Direito! Os nazis mexeram com o Direito! Inventaram um Direito que fez sangue por todo o lado! Sabe o que são os nazis? São pedófilos! São muito inteligentes. Dizem que os outros são pedófilos, para poderem serem pedófilos por detrás de um fato e gravata. O disfarce perfeito. Mas com fato e gravata eu via que tinham cara de pedófilos! Eu sou um robot! Deteto tudo! Só de ouvir a voz de alguém, vejo logo se está com depressão. Só de ver a “grande testa” que esconde o cérebro, vejo logo se é canibal, nazi ou pedófilo. Odeio pedófilos! Quero lá saber se é uma doença! Quero lá saber! Se é uma doença deviam estar compulsivamente internados numa psiquiatria e não andarem a passear de fato e gravata numa Faculdade de Direito. Falavam mal das mulheres nos seus programas de Direito Processual Penal e Direito Penal IV? Só um pedófilo é que diz que um gay é necessariamente pedófilo. Só um pedófilo chama as mulheres de “canalhas” e “desonestas”. Só um estupor, um cabrão de merda, que não devia dar aulas na Faculdade de Direito pode dizer que as feministas são criminosas ou defender a inferioridade da mulher e o estatuto de submissão das mulheres e justificar a violência doméstica. Dizia e escrevia numa revista jurídico-científica de Direito Civil que a mulher tinha inveja de não ter nascido com uma pila, com o poder que a pila dava ao homem e que por isso, as mulheres eram umas “ressabiadas” com um ressentimento de ódio e vingança que levava ao feminismo político, assumindo-se como “genocidas dos homens” e que as feministas eram como “nazis” de género. Eles chamavam nazi às mulheres e eu não lhes podia chamar nazis? Eles é que tinham andado na escola nazi. Por isso é que não abri o manual deles e chumbei a Processo Penal. Não ia ler coisas que tinham saído da mente-nazi. Não ia ler coisas da mente-nazi capaz de dar cabo da minha raça. E não era por eu não ter aberto o Código de Processo Penal ou um manual de Direito Processual Penal que isso significaria a morte jurídica da minha raça. Vi o Processo Penal ao vivo e a cores. No dia em que os livros do primeiro plano editorial da Jupiter Editions foram virtualmente lançados fui constituído arguido. A polícia bateu-me à porta para ir à esquadra prestar declarações por causa de *As Jóias da tia Giralda*, que deram um livro. Telefonei aos meus professores de Penal, a doutora Sónia e o doutor João. Antes de terem sido seus professores, foram primeiro meus professores! Estes brilhantes professores!

— O pai nunca me contou isso!

— Assim como apareceram lá no seu club a voar *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto, também apareceram no tribunal como meus advogados. Eles nem estavam a exercer. Tinham suspenso a atividade na Ordem dos Advogados, porque estavam numa completa dedicação pelo Direito. Graças a eles é que o Direito passou de torto para Direito. Quem foi tirar os charros da boca do Direito foram estes brilhantes penalistas! Quando eles viram a armadilha tecnológica em que a minha própria família me tinha metido, eles foram tratar de abrir a atividade. Porque o Ministério Público mandou arquivar. Mas eles sabiam que se a Giralda inventasse e trouxesse novos factos podia pedir excepcionalmente a reabertura do processo. E também sabiam que eu só queria ter dinheiro para lhes pagar para serem meus advogados contra a Giralda no processo de difamação que eu queria abrir contra ela.

— O tio teve que passar por isso tudo?

— Sim. Sem vendas, sem nada. A ver tudo e a ver nada. A ter que ser um polvo e a ver que tinha que tentar as mil e uma hipóteses que eu vi. Vi tudo ao mesmo tempo. Vi que tinha mesmo que ser empresário. Que tinha que empresariar as minhas ideias e que o tinha de fazer sem capitais próprios, porque nenhum banco iria bancar as minhas ideias. Os bancos estavam a bancar os maus. Não estavam a bancar os bons. E eu precisava de financiamento. Precisava de financiar a minha voz. Porque eu via que a minha voz merecia ser financiada. E neste meu financiamento de ideias, eu sabia que tinha mesmo de conseguir um financiamento para me livrar de patrões que invocassem os regentes da minha faculdade, instalando câmaras e microfones no meu local de trabalho. Porque assim, eu não queria trabalhar! Assim, eu não ia trabalhar de certeza! Eu queria era dançar! Queria escrever! Escrever era o meu trabalho. Eu nunca tinha conseguido dizer, mas eu tinha que ter coragem de o dizer: eu era escritor. Eu afinal, era um escritor. Escrevia sobre tudo. Não conseguia parar de escrever. Só queria escrever. Só queria estar em paz para poder escrever aquilo que ainda não tinha podido escrever. Ainda não tinha tido tempo para me sentar, respirar, olhar à minha volta, chorar e escrever. Porque eu gostava de escrever a chorar. Gostava de dançar. Porque eu posso trabalhar a dançar, porque eu posso escrever a dançar e tenho o direito de trabalhar e escrever sem nenhuma câmara de vigilância seja por drone, seja por telefone, seja pelos olhos de um inseto pelo que seja, me limitar ou monitorizar a expressão.

— O tio escreve a dançar?

— Sim, Thomas. Escrevo a dançar. Faço tudo a dançar. Vivo a dançar. Critico a dançar. Até corro a dançar.

— Dance lá agora, pai! Dance! Dance! Dance!

— Eh, lá! Tio!!! Eh, lá!!!

— Dance mais pai, dance! Mexa essa bunda! Mexa! Mostre-me lá a raça desse seu bum bum! O Jakob não é paravilhão nenhum. Imagino esse bum bum a trabalhar ao colo do Jakob.

— Antoine!!!!

— Que foi, Thomas? Pensas que eu não sei que tu também não és paravilhão nenhum? Sei muito bem que estás sempre a olhar para o meu bum bum. Tenho o bum bum do meu pai, olha lá! Olha-me para ele, ainda não parou de dançar! É mesmo uma criança! Pai, nós já não vamos almoçar, vamos jantar... Como foi a outra vez, o nosso almoço vai ser é um jantar das 10 horas e tal...

— Não! Os meus melões! Ainda queria comprar melões verdes de Almeirim, na estrada de Almeirim...

(...)

Dantes, só a altura e o peso dos futebolistas e alguns desportistas é que aparecia na Internet. Hoje, a altura e o peso de todos é “público” e a Administração Pública partilha na Rede. Dantes, “não eram todos” que podiam ir para a cama com um futebolista. Porque dantes, era preciso estar no meio dos futebolistas. Mas em 2020, como foi tudo parar ao Instagram, se eu quisesse estar com um futebolista, com um ator, um militar ou um cantor, bastava enviar-lhe uma mensagem no Instagram e trocar nudes com ele. Porque foi isto que aconteceu. E em 2020, “eu já não precisava” de ir para a cama com o futebolista ou com o mitra ou com o deputado não sei das quantas para

saber como era a casa dele ou “como é que era estar com eles”, porque bastava ir ao Instagram e ver tudo sobre eles e ver “como é que era estar com eles”. O Instagram foi um fenómeno muito interessante, confesso. Foram dados para a Psicologia Digital. Porque se eu fosse psicólogo em 2020, a primeira coisa que eu faria depois do meu paciente sair da minha consulta, era ir ver o Facebook e o Instagram dele, “só” para me ajudar no diagnóstico. Ou seja, eu já fazia o recurso à tecnologia. Mas eu não usava, como psicólogo, os algoritmos nem do Instagram nem do Facebook, porque era um bom psicólogo e sabia olhar para uma fotografia e não precisava que uma Inteligência Artificial me dissesse que por detrás do sorriso do meu paciente estava uma grande depressão e infelicidade. Não precisava. Como não precisava que nenhuma *speech analytics* me dissesse que o meu paciente está com depressão. Porque senão, mais valia descarregar o meu cérebro-psicólogo para dentro de um robot-psicólogo. E que foi o que aconteceu: hoje, temos robots-psicólogos completamente autónomos e que fazem as entrevistas dos recursos humanos das empresas mais tecnológicas. Eu vi com a Sarah e com a sua prima Sílvia estes robots a aparecerem. Aliás, disse-lhes o que é que elas tinham de fazer para impedir que os robots-psicólogos apontassem uma arma aos psicólogos humanos. Eu vi psicólogos a apontarem uma arma a si próprios e a uma inteira classe de psicólogos, como vi advogados a apontarem uma arma a si próprios e a uma inteira classe de advogados. Eu disse aos psicólogos e aos advogados para que se opusessem em descarregar as suas informações fosse para *machine learnings*, fosse para plataformas ou nuvens que depois iriam acabar por ser descarregadas em *machine learnings*. Disse aos psicólogos que eles tinham de se tornar informáticos e antes de inserirem dados psicológicos e mentais altamente sensíveis dos seus pacientes em plataformas que tinham de saber quem é que era o dono das plataformas, quem é que era o privado que ia gerir, administrar, tratar e comercializar todos os dados gerados nas plataformas e que tinham de saber que todas as plataformas, por serem digitais, virtuais ou em nuvem eram hackeáveis e que eu podia contratar o informático que eu quisesse para que ele hackeasse uma determinada nuvem. A Sarah era lúcida em relação ao cheiro do novo petróleo. Como eu, a Sarah conseguia ver estes “novos bancos de dados” que para a Psicologia em 2020 seriam uma novidade. Estes bancos, na Psicologia, em Portugal, começaram a aparecer em 2020, quando apareceram as consultas online com os confinamentos. Era mais do que errado! Eu não estou a dizer que a Psicologia esteve errada em aderir às consultas online. A Psicologia esteve ESTRONDOSAMENTE, ESCANDALOSAMENTE, errada em aderir às consultas online. Quando eu vi a Psicologia a fazê-lo eu nem quis acreditar! E eu juro, que me custou tanto, mas tanto, mas tanto, ter que ver a sua prima Sylvhia e a Sarah a terem de fazer consultas online. Elas foram obrigadas! Simplesmente, foram obrigadas! À Psicologia, como ao Direito, faltou-lhes um pulso firme! Porque a Psicologia esqueceu-se que tem uma Ordem fortíssima capaz de mandar calar o Governo! E se a Psicologia quisesse, teria hackeado a mente do Governo e teria dito ao Governo que a Saúde Mental está em primeiro lugar, que NÃO SE FAZEM CONSULTAS DE PSICOLOGIA ONLINE, E QUE, PORTANTO, TODOS OS PSICÓLOGOS TERIAM LIVRE TRÂNSITO PARA PASSAREM NO TRÂNSITO À VELOCIDADE DA LUZ DE GIL DE SALES GIOTTO PARA IREM DAR COM PRIORIDADE AS SUAS CONSULTAS PRESIDENCIAIS, TAL COMO QUALQUER PACIENTE QUE TIVESSE UMA CONSULTA DE PSICOLOGIA PODERIA SEMPRE DESLOCAR-SE PARA IR TER A CONSULTA! E ver uma Ordem a financiar, compactuar e colaborar com um inimaginável banco de dados, só me fez prever que uma Nova Ordem de Psicólogos Mais Inteligentes estava prestes a levantar-se com uma Nova Psicologia Inteligente encabeçada pela Sarah e pela prima Sylvhia. Porque elas é que eram a cabeça da Psicologia!

— E porque é que o pai também não encabeçou essa Nova Psicologia Inteligente com elas?

— Porque eu não sou psicólogo. Elas é que são. Se eu fosse psicólogo, não podia dizer metade do que digo. Ou até podia. Às vezes, esqueço-me que estamos dentro de um filme de Ficção

de Direito e Tecnologia e que, portanto, tudo vale! (...) porque raio é que a Sarah tinha de processar um documento com as suas técnicas que lhe custaram uma pipa de massa, porque as pós-graduações foram uma pipa de massa? E era eu a implorar à Sarah para que ela não cedesse, nessa cedência gratuita de dados, até porque não tinha nada que processar ou registar a consulta e entregar a um terceiro, fosse quem fosse o terceiro, quando as consultas são sigilosas; e era a Sarah a dizer que não cedia dados nenhuns desses, só que a dona da clínica dava-lhe um prazo para ela entregar todas as consultas dizendo que era por causa “da lei da proteção de dados” que a Ordem dos Psicólogos tinha dito que as clínicas privadas estariam obrigadas a fazer “estes registos”, outra vez invocando “a lei da proteção de dados”. E isto era de caras: se a ideia era proteger os dados, então o que se tinha de fazer, era não dar dados! Ponto final, parágrafo! Se eu tenho uma lei que visa proteger os dados é muito estranho eu ter uma Ordem a vir dizer que eu estou obrigado a fazer o registo de dados, “por causa da proteção dos dados”... NÃO FAZ SENTIDO NENHUM! É PARA RIR! QUEM É LÚCIDO E É INTELIGENTE SÓ SE PODE RIR DISTO! Depois dizia a dona da clínica que seria por causa das “auditorias”, para justificar o preço das consultas e lembro-me de me ter saído um divertido sketch, que no novo “talão da consulta” íamos discriminar todos os temas que se tinham falado na consulta, para podermos dizer porque é que a consulta era mais cara do que a do “cliente” anterior, dizendo ao “cliente” que a consulta estava mais cara por causa da seca da história da namorada que o “cliente” nos deu e que tivemos de grammar pela milésima vez. E do Word migrávamos para uma plataforma. É claro que se eu introduzia dados numa plataforma ou num sistema informático automatizado que eu tinha de estar sujeito a regras; mas se eu, psicólogo, faço o registo de memória ou no meu bloco de notas, no bloco de psicólogo, era o que mais faltava uma Ordem dos Psicólogos obrigar-me a fazer o registo desses dados, “por causa da proteção de dados”, quando escrever num bloco de notas não está nem pode estar sujeito a nenhuma lei de proteção de dados, porque é um bloco de notas, não é um sistema informático, não está numa nuvem e mais hackeável é uma nuvem do que o meu bloco de notas! É que, escrevendo apontamentos de consulta no meu bloco de notas, eu não estou a facilitar nem a fomentar por meios informáticos a circulação de dados do meu paciente. Porque o meu bloco de notas não é informático! Não há nada que o ligue a uma nuvem, a não ser que eu o fotografe e o partilhe na nuvem. E, portanto, se eu escrevi no meu bloco de apontamentos, eu não tenho nada que fazer um registo da atividade de tratamento de dados, porque não há atividade nenhuma de tratamento de dados! Estamos só a confundir coisas. E eu, ao ir fazer esse registo informático, é que vou estar a dar dados que vão circular como petróleo, só que como vão “bem registados” num sítio próprio, já vão carimbados com um “visto” pelo Direito prontos a circularem...? Será que foi isto? Foi mesmo isto que aconteceu? Porque isto não pôde ter feito sentido nenhum! Como não pôde ter sentido os psicólogos começarem a usar a *speech analytics*. O que é que aconteceu? Às tantas, comecei a ver pacientes a entrarem num consultório e a terem logo que declarar se aceitavam que os seus dados fossem processados pelo psicólogo que os cederia a uma empresa privada que os iria tratar. E foi mesmo isto que aconteceu! Foi isto que aconteceu em todas as clínicas exceto na clínica da Sarah e da prima Sylvhia. Pessoas com depressão e pensarem duas mil vezes se iriam ou não a um psicólogo, que só queriam ir a um psicólogo e ser ouvidas por um psicólogo e não ouvidas por uma Inteligência Artificial com a sua depressão exposta e partilhada numa nuvem de dados psicológicos. Uma coisa é haver um registo, um processo clínico de uma pessoa que foi ao hospital. Se deu entrada na oftalmologia, na dermatologia, na medicina em que $2 + 2$ é igual a 4 em que há um significativo interesse em poder agarrar-se no processo e por exemplo levá-lo ao tribunal, faz todo o sentido haver um registo, haver um processo clínico em Medicina, mesmo até para salvaguardar o médico. O que eu não concordo e que nunca concordei e que talvez seja aqui em que eu e o Jakob discordamos, é que a Medicina Geral e Familiar faça também este tipo de registos, porque muitas das vezes as consultas de Medicina Geral e Familiar tornam-se, sem querer, uma espécie de consulta de psicologia-desabafo e não fará muito sentido o Médico de Família estar a escrever no computador aquilo que o paciente está a dizer e que muitas vezes pode revelar um traçado

de perfil psicológico, um contexto sócio-familiar, que isto sim, são dados altamente sensíveis e que não devem ser inseridos num sistema informático. Porque há médicos de família que escrevem tudo o que o doente está a dizer. Nem sequer olham para o doente. Estão simplesmente atrás do computador a escrever. E foi isto que aconteceu, infelizmente com a Psicologia. Tornou-se um processador de dados. E isso não é Psicologia! À Psicologia não interessa estar a inserir dados, estar a processar e depois ir tratar, porque não há nada para tratar! Na Psicologia, a sua ciência por ser tão virtual é que não merece ser virtual! A Psicologia é para ser ouvida e para ser respondida logo com Psicologia. Isto é Psicologia! A Psicologia não é estar a ouvir e depois ir para casa pensar, olhar para os dados e lá aparecer uma resposta que se vai dar na próxima consulta. Não. Isso não é Psicologia! A Psicologia tem capacidade de ouvir e tem capacidade de resposta! Isto é Psicologia! Antes de 2000 não há registos clínicos, porque as consultas só começaram a ser passadas a computador a partir de 2000. De toda a Medicina, a Psiquiatria é a que comunica de imediato com a Psicologia. Mas a Psiquiatria não tem nada que ver com Psicologia. Psiquiatria é Medicina. Psicologia não é Medicina. E por não ser Medicina, e por não ser $2 + 2 = 4$, a Psicologia não pode querer fazer aquilo que faz a Medicina. Não era por haver processamento das consultas em Psiquiatria e abrirem-se processos clínicos em Psiquiatria, que a Psicologia se tinha de lembrar também de começar a processar os dados e criar consequentemente um banco de dados psicológicos. Se depois é giro mergulhar neles e vermos como o ser humano é capaz de ser tão estúpido e ter dados sobre tudo e mais alguma coisa e ainda assim não fazer ideia de quem é que é? É giro. Parece que faz parte da natureza humana, ser-se estúpido e ir-se atrás de todas as estupidezes que o mercado inventa. E, portanto, quem sempre quis entrar numa clínica a sério de psicologia entrou nas da Sarah e da prima Sylvhia, com psicólogos a sério que não escrevem no computador durante a consulta, estão a olhar para o paciente e que não estão a mexer no telefone à frente do paciente; que esta foi outra que também se começou a ver, psicólogos a mexerem no telefone à frente dos seus pacientes...???

A Sarah não usava os óculos de realidade virtual aumentada para curar fobias, tinha outras técnicas, mas a sua prima Sylvhia já em 2020 usava. Mas usava uns óculos de realidade virtual aumentada que não estavam conectados à Internet e não processavam a experiência do paciente, nem enviavam ou partilhavam a experiência numa nuvem do Big Data que *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom pudesse hackear. E se a sua prima Sylvhia tinha os óculos de realidade virtual aumentada, não precisava de nenhuma *speech analytics*, porque ela também como um robot sabia detetar mentiras, depressões, nervosismos e inseguranças só de ouvir a voz. E, portanto, a saber que em 2020 existia uma poderosa *speech analytics* e uma poderosa Inteligência Artificial e um Direito com uma Proteção de Dados Pessoais que dizia que para se tratarem os dados, os analistas, os tratadores e os empresários de dados tinham de fazer um registo da atividade do tratamento dos dados, porque esse registo é que depois iria ser visto meio à pressa e num cordial tom de amizade pelos encarregados de proteção de dados, era completamente lícita e legítima a nossa *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari. Porque se os dados eram o novo petróleo de 2018 e se nas chamadas telefónicas escorriam petróleo por todo o lado, não seria óbvio que os canais das chamadas começariam eles a serem legalmente explorados regulamentados com algumas regozinhas do Direito da Concorrência e do Direito dos Valores Mobiliários? Porque passámos, todos, “de repente” a valer, até para o Direito, um valor mobiliário, consciente e com alguns direitos como o Direito Ao Esquecimento e o Direito à Portabilidade Dos Dados Pessoais Que Se Moveram Ou Se Movem Com Os Dados Móveis.

— Foi o tio que inventou esse Direito?

— Fui, sim.

— Mas ele existe?

(...)

Nota de autor: Pretendo na 1ª Ordem da 2ª Impressão retirar algumas partes da presente parte da 1ª Ordem da 1ª Impressão que publico no filme-documentário em tempo real da Jupiter Editions. Escrevi e imprimi em 6 exemplares que eu sabia que a pedofilia é uma doença mas que queria lá saber e que para mim os pedófilos deviam era estar todos internados compulsivamente numa psiquiatria. Não medi as minhas palavras e sei que elas podem ferir pessoas doentes, pessoas com doença de pedofilia. Quero fazer por isso neste filme-documentário publicamente o meu pedido de desculpas. Eu não sei qual é a dor que é de ter uma doença mental. Tenho um cérebro saudável. Tive sorte na genética. Mas eu acho que nós devemos olhar para todas as doenças mentais com compaixão e com, enfim, “empatia”. Escrevi nos meus livros que não tenho compaixão nem por pedófilos, nem por terroristas, nem por nazis. Equiparei os pedófilos a orcas, a “baleias-assassinas”. Sem querer, eu é que fui um assassino. Porque eu escrevi coisas que não devia. Mas tudo tem que ver por eu ter escrito só com a luzinha que me deram. Considero que é muito importante cérebros criativos ou cérebros escritores terem um “passaporte de viagem” que consiga abrir portas e estar em sítios importantes com cientistas, com psicólogos, com médicos, com biólogos. É verdade que ataco uma certa psicologia nos meus livros. Ataca os “pseudo-psicólogos” que muitas vezes nem saber ser psicólogos de si próprios. Adoro psicologia e acho que o governo deveriam aumentar os ordenados dos psicólogos. Acho que a profissão de psicólogo é tão nobre como a profissão de médico. Mas acho que o mercado está saturado de psicólogos. Há bons psicólogos e maus psicólogos. Eu só ataco os maus psicólogos, porque não gosto de ver uma “psicologia académica”, presa ao pensamento de autores, presa ao passado, presa ao pensamento de escolas do passado. Foram os bons psicólogos que me ensinaram a não falar como eu falo dos pedófilos, porque fizeram-me ver que a pedofilia é uma doença e foi depois o direito penal que me disse que nem todos os pedófilos abusam de crianças, porque há pedófilos que têm os tais pensamentos, mas conseguem controlá-los. Seria por exemplo o mesmo com os psicopatas, que se calhar “não têm culpa” de ter nascido com psicopatia, ou com fundos menos bons, que eu chamo na minha escrita “fundos mais negros, fundos mais negros de ideias”. É por isso e não só, mas também que a Psicologia e a Psiquiatria são ciências muito importante e que eu acho que deviam andar mais com o Direito e por isso esta minha sempre insistência nesta ligação. Aprendi com as ciências que nem todos os pedófilos cometem o crime de abuso de crianças. O que eu proponho é um Direito Vigilante sobre pedófilos que cometeram o tal “crime de pedofilia” que não existe no ordenamento jurídico português e que eu critico por isso, mas também, não só, o Direito Penal. Porque em Portugal o Código Penal nós só conseguimos aplicar pena de prisão aos pedófilos através do regime “do abuso de menores”. E o que eu defendo é que obviamente que devemos deixar aberto esse regime, mas devemos abrir um outro, devemos mesmo ter na lei o “Crime de Pedofilia”, sem estarmos a chamar com isto criminosos a todos os pedófilos, mas simplesmente a punirmos os pedófilos que tenham cometido o tal crime de pedofilia. As minhas razões e argumentos são imensas e já as tenho escrito. Mas uma das questões que eu acho importante é que uma rede de pedofilia em nada tem que ver com um rapaz de 21 anos que teve com um miúdo de 14 ou de 13 anos e que os dois queriam, mas que de repente o de 14 já não quer porque arranjou um outro, mas se for preciso faz queixe-crime do de 21 ou 22 ou 24 e isto não pode ser. Eu acho que é preciso conseguirmos separar bem o que é abuso de menores, violação e pedofilia porque são coisas tão diferentes! Eu acho horrível nós estarmos só a dizer que um homem de 30 ou de 40 ou de 50 violar uma criança “foi só” um abuso de menores... Quando não foi só isso. Foi traumatizar para sempre uma criança. E eu tenho raiva disto! Tenho raiva destes cabrões e eu peço desculpa, porque eu sei que nós não podemos ter raiva de ninguém, mas faz-me onfusão quando nós somos bons e só queremos paz e uma ordem de coisas como deve de ser haver mentes menos boas que se juntam em redes altamente criminosas e sofisticadamente disfarçadas. Sempre fui a favor da castração química dos pedófilos. Mas uma medicina disse-me que não fazia sentido porque não inibia o crime

ou disposição para o crime, então deixei de defender a castração química. Mas depois apareceu outra medicina que me disse que afinal a castração química para pedófilos que tinham cometido o crime de pedofilia poderia ser eficaz se fosse combinado com outras técnicas como Psicologia ou Psiquiatria e por isso voltei a defender e defendo a castração química. Sei que um direito penal não gosta deste tipo de pensamento, porque parece que estamos a regredir nos direitos fundamentais e eu compreendo e o que eu mais quero é estar em linha de pensamento com o direito penal. Só que eu não considero que seja uma regressão. Se nós pensarmos e foram estas as críticas que eu fui fazendo com o meu lápis de carvão no Código Penal quando estudei o Direito Penal, é que nós com a prisão também estávamos a privar um direito fundamental. Mas é o próprio Direito Penal que deixa nós “suspendermos” (e acho que, sem querer, em tempo real saiu-me uma expressão que acho que vai acabar por se virar contra mim) ou sacrificarmos um direito fundamental como a liberdade de uma pessoa que cometeu um crime. E o que eu sempre disse foi se podemos “mexer” num direito fundamental da pessoa que cometeu o crime para a punir, porque não vamos mexer no que faz mais sentido para a pena ser de facto eficaz? Porque também um princípio do Direito Penal é que nós só podemos aplicar uma pena se de facto ela for eficaz e não podemos aplicar pena maior se aquela que nós já achamos, a mínima, for eficaz para punir o agente, porque, enfim, a maior preocupação do Direito Penal é a reintegração do indivíduo na sociedade e parte então do pressuposto que quanto menos tempo tiver (desde que seja o tempo que baste) na prisão, melhor, porque depois o agente vai ter mais sucesso a voltar à sociedade. Ou seja, o juiz quando está a pensar na pena que vai aplicar ao agente já tem de estar a pensar na saída do agente da prisão. Ou seja, o juiz antes de prender, já tem de estar preocupado com o agente quando ele voltar à sociedade, pelo Princípio da Reintegração do Indivíduo na Sociedade. Eu percebo tudo isto e nem sequer nesta pequenina “nota de autor” quero estar a mexer nos princípios do Direito Penal... Mas basicamente se nós sabemos que a prisão não resulta para as pessoas que cometeram o crime de pedofilia, então o que eu defendo é que temos de arranjar outra solução; e ao invés de estarmos a sacrificar, a limitar o direito fundamental “liberdade”, vamos sacrificar outro, vamos limitar o direito fundamental da integridade física, ao fazermos a castração química, desde que seja comprovado que de facto combinado com Psicologia ou Psiquiatria iria ter sucesso. O problema é a castração química não ser uma “suspensão temporária” mas uma medida definitiva. E isso coloca obviamente uma outra série de questões e argumentos que já me afastam da minha pequenina Nota de Autor. 13:09 29 de janeiro de 2022

Última Nota de Autor: Sei que a minha interrogação na presente parte publicada poderia chocar: «E se um polícia nem sequer soubesse que tinha tatuado um símbolo que estava associado ou que um grupo qualquer o que tinha associado ao nazismo?» No entanto, gostava de deixar registado com o é engraçado falarmos das coisas “às cegas” e escrevermos “às cegas”. Recentemente, acho que foi em dezembro de 2021 que soube que descobriu-se que “afinal” o símbolo nazi usado pelos nazis foi um símbolo roubado a uma cultura de negros. Não fiz pesquisa sobre o assunto e não sei se é ou não verdade. Foi-me dito. Mas não me espantaria. Do mesmo modo que muitas outras símbolos, músicas, artes, culinárias, medicinas foram arrancada por culturas de brancos a culturas de negros e asiáticos. A escravatura foi também isso e é também isso. É estarmos a retirar tudo ao escravo, ao escravo de ideias e ao escravo do trabalho e o escravo nem sequer conseguir sentir um bocadinho do valor económico que o seu trabalho ou as suas ideias lucraram num mercado podre e negro.

13h52 29 de janeiro de 2022